

RN 400

Claudia N^o 24

66 (63) $\frac{83}{63}$
20

86
 $\frac{63}{23}$

O ENGANO DE LAMARTINE

18-5-66

Rubem Braga

LAMARTINE Babo, que morreu em junho há três anos, era um dos grandes compositores populares do Brasil e um boêmio generoso e lírico.

Durante muito tempo foi magérrimo, e nunca foi bonito. Contava êle que, uma vez, estava diante de um guichê dos Telégrafos, quando notou que um funcionário batia com o lápis sinais Morse para o outro. Já tendo sido telegrafista, Babo traduziu a mensagem, que era sem dúvida a seu respeito: "magro e feio".

Imperturbável, o compositor puxou de uma caneta e bateu também: "magro, feio e telegrafista"...

Uma vez fui a um barzinho de Ipanema com uma jovem americana chamada Bárbara. Ali pelo terceiro ou quarto uísque, apareceu Lamartine Babo que certamente também já tomara alguma coisa em um bar do centro. Chamei-o para a mesa, e a môça americana, que adorava a música popular brasileira, ficou encantada em conhecer o grande compositor. Com sua voz engraçada Lamartine cantou algumas de suas composições — um samba, uma velha marchinha, uma bonita marcha-rancho. O entusiasmo demonstrado pela bonita americana o animava cada vez mais. A môça quis aprender a letra de um samba e Lamartine ensinou com paciência, corrigindo o sotaque arrevesado, explicando o que queria dizer aquilo, encantado em ouvir sua composição cantada pela jovem, animando-a a repetir cada verso, aplaudindo-a com fervor.

Bárbara tinha os olhos verdes, e à certa altura Lamartine declarou que ia fazer uma valsa dedicada aos olhos verdes de Bárbara.

Mais dois ou três uísques, e a valsa começou a surgir, sem letra, com a melodia ainda um pouco indecisa. E acabou mesmo sendo uma valsa bonita, meio romântica, meio moderna. A americana, no auge do encantamento de ter inspirado uma valsa. Lamartine encantadíssimo pela própria inspiração, mas com um mêdo louco de esquecer a melodia antes de pedir a algum amigo para escrevê-la, pois êle não sabia escrever música. Combinamos um encontro para o dia seguinte, quando êle deveria trazer a valsa já escrita.

No dia seguinte êle me telefonou com a voz triste:

— Aquela valsa...

— Já sei, Lamartine, você esqueceu a melodia.

— Não, meu filho, muito pior.

— Pior, como?

— Ontem eu estava crente que estava compondo, mas hoje me lembrei. Aquilo é uma valsa antiga, de um filme de uns trinta anos atrás, que ficou na minha cabeça.

— Que pena, a Bárbara estava tão orgulhosa, tão feliz!

— Olhe, não diga nada a ela não. E' melhor que ela fique na ilusão. Diga que você não me encontrou mais. Diga que eu sumi.

E sumiu mesmo. Nem a americana nem eu nunca mais vimos Lamartine nem ouvimos sua linda valsa — "Os olhos verdes de Bárbara"...